



AUSTRÁLIA

Ofensiva contra o antissemitismo

Em resposta ao atentado de domingo contra a comunidade judaica, governo anuncia pacote antiterror que coloca na mira a pregação religiosa extremista e a difusão de discursos de ódio. Sydney se despede da vítima mais jovem do ataque

» SILVIO QUEIROZ

O funeral de Matilda, 10 anos, uma das 15 vítimas do atentado cometido por pai e filho extremistas no último domingo, em uma praia de Sydney, no feriado judaico de Hanukkah, serviu de ocasião para o premiê da Austrália, Anthony Albanese, anunciar na capital, Canberra, um conjunto de medidas para combater o antissemitismo e o discurso de ódio — em particular, a propagação das ideias do Estado Islâmico (EI). No mesmo dia, a polícia anunciou a detenção de sete homens, também em Sydney, após receber informações de que estariam planejando um “ato violento” na cidade. Inicialmente, porém, não foi estabelecida uma conexão entre os suspeitos e o atentado na praia.

Os investigadores do atentado tratam de determinar se os autores do ataque, Sajid Akram e o filho Naveed, mantiveram contatos com extremistas durante uma visita que fizeram semanas antes às Filipinas. Ambos eram seguidores de um pregador extremista, e o governo considera que agiram motivados pela ideologia do EI. Sajid, de 50 anos, morreu em tiroteio com a polícia. O filho, de 24, um pedreiro desempregado, foi capturado e formalmente acusado pela Justiça de 15 homicídios, terrorismo e mais numerosos crimes graves.

“Os australianos estão chocados e furiosos. Eu estou furioso. Está claro que precisamos fazer mais para combater este flagelo maligno”, disse Albanese na entrevista coletiva na qual prometeu uma ofensiva generalizada para erradicar “o mal do antissemitismo da nossa sociedade”. O premiê reafirmou o direito de “todo judeu australiano” a sentir-se seguro, valorizado e respeitado pela sua contribuição ao país. Ele acusou “os terroristas

David Gray/AFP



Homenagens às vítimas do atentado na praia de Bondi, no dia do funeral da menina Matilda: “Nosso pequeno raio de sol”

David Gray/AFP



O premiê Albanese: “Querem nos jogar uns contra os outros”

inspirados pelo EI” de tentarem “nos jogar uns contra os outros”, e ressaltou a resposta dos cidadãos, “com amor e compaixão” pelos atingidos.

As medidas contempladas incluem a habilitação das

autoridades para perseguir pregadores extremistas e negar ou cancelar os vistos de quem propaga “o ódio e a divisão”. Será ainda desenvolvido um sistema para listar organizações cujos líderes

promovem o discurso de ódio. A “difamação grave” baseada na origem étnica e a defesa da supremacia racial serão consideradas crime federal. A iniciativa seguiu as recomendações feitas em relatório pela encarregada pelo governo para o combate ao antissemitismo, que acompanhou a coletiva do premiê e exaltou o “passo importante” anunciado, que recebeu apoio do Conselho Judaico da Austrália.

Controvérsia

A resposta firme e imediata ao atentado de Sydney reflete a preocupação de Albanese com o acirramento da controvérsia

entre os australianos em torno do conflito na Faixa de Gaza. Sob o impacto de manifestações de grande porte em protesto contra a ofensiva militar israelense no território, o premiê anunciou em setembro o reconhecimento do Estado palestino. “Isso colocou o governo sob críticas de setores pró-Israel e de parte da comunidade judaica, que passaram a questionar se haveria complacência com discursos hostis”, analisou, em entrevista ao **Correio**, a professora de relações internacionais Denise Holzhacker, da ESPM. Ela vê nas medidas anunciadas “uma tentativa de reequilibrar essa percepção e

reafirmar que o apoio à autodeterminação palestina não implica tolerância com o ódio ou a discriminação aos judeus.”

De acordo com a estudiosa, embora se apresente como multicultural, a sociedade australiana “vem sofrendo, nos últimos anos, com a polarização e o aumento de grupos extremistas”. O desafio para o premiê será contemplar também as preocupações de setores que receiam, como desdobramento da iniciativa, o cerceamento da liberdade de expressão. Como em muitos países, explica, o governo “terá de garantir que as medidas legais e institucionais tenham como alvo discursos de ódio e incitação à violência, sem criminalizar manifestações políticas e acadêmicas, ou de ativistas que defendem os direitos dos palestinos”.

Despedida

Enquanto o premiê falava à imprensa, os pais de Matilda, parentes, amigos e integrantes da comunidade judaica se reuniam na praia de Bondi para despedir-se da mais jovem entre as vítimas dos atiradores. “Ela era nosso pequeno raio de sol”, lamentou o rabino que celebrou a cerimônia. A família, que pediu para que o sobrenome não fosse divulgado, mudou-se da Ucrânia para a Austrália anos antes da invasão de seu país pela Rússia, em 2022.

“Eu não poderia imaginar que perderia minha filha aqui. É um pesadelo”, disse à imprensa a mãe, Valentya. O pai, Michael, contou que ela foi a primeira filha do casal nascida no novo lar, e que o nome da menina foi escolhido em homenagem ao país, que tem como uma espécie de hino não oficial a canção popular Waltzing Matilda. “Pensei que Matilda era o nome mais australiano que podia existir. Então, por favor: lembrem-se, lembrem-se do nome dela.”

GUERRA NO LESTE EUROPEU

Zelensky pede uso de ativos russos

O presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, declarou aos líderes da União Europeia (UE) que eles têm o direito “moral” e legal de utilizar os ativos russos congelados para ajudar Kiev. Os ucranianos correm o risco de ficar sem fundos em poucos meses. Os europeus prometeram garantir a maior parte do apoio financeiro e militar à Ucrânia nos próximos dois anos, depois de o presidente americano, Donald Trump, ter decidido cortar a ajuda dos Estados Unidos, e enquanto a equipe do republicano segue negociando com a Rússia sobre a disputa territorial. Se nenhuma decisão for tomada, Kiev ficará sem dinheiro a partir do primeiro trimestre de 2026.

Os 27 Estados-membros, reunidos em uma cúpula em Bruxelas, “não sairão” da sala sem um acordo para financiar a Ucrânia, prometeu a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen. O mandatário francês, Emmanuel Macron, disse estar “confiante” na capacidade do bloco de encontrar uma solução. Oficialmente, existem duas opções sobre a mesa para os chefes de Estado e de governo da UE.

O bloco poderia solicitar um

John Thys/AFP



empréstimo, mas vários países, incluindo a Alemanha, estão muito relutantes, e a Hungria se opõe completamente. A decisão requer unanimidade. A outra opção é utilizar os ativos congelados do Banco Central da Rússia, a maior parte dos quais (210 bilhões de euros, cerca de R\$ 1,3 trilhão) estão sob custódia na Bélgica por meio da empresa Euroclear, sediada em Bruxelas.

Segundo o mecanismo proposto, a Euroclear emprestaria o dinheiro à UE que, por sua vez, o emprestaria

à Ucrânia. Isso financiaria um “empréstimo de reparação” a Kiev, com um montante inicial de 90 bilhões de euros (ou R\$ 582 bilhões).

A maioria dos países da UE apoia esta opção porque não implica nenhum custo para o contribuinte, demonstra o compromisso europeu com a Ucrânia e envia uma mensagem inequívoca de independência. “Os ativos russos devem ser utilizados para se defender da agressão russa e reconstruir o que foi destruído pelos ataques russos. É



Os ativos russos devem ser utilizados para se defender da agressão russa e reconstruir o que foi destruído pelos ataques russos. É moral. É justo. É legal”

Volodymyr Zelensky, presidente da Ucrânia

moral. É justo. É legal”, declarou Zelensky em Bruxelas.

O presidente ucraniano anunciou que, hoje e amanhã, emissários do governo de Kiev se reunirão, em Washington, com representantes americanos para discutir um plano para tentar encerrar a guerra. O novo ciclo de conversações entre Estados Unidos e Ucrânia ocorrerá antes de uma reunião entre enviados russos e americanos no fim de semana, na Flórida, segundo uma fonte da Casa Branca.

Charly Triballeau/AFP



Cardeal renuncia e papa nomeia progressista como arcebispo de Nova York

Na nomeação episcopal mais importante da sua eleição à liderança da Igreja Católica, em maio passado, o papa Leão XIV escolheu Rolan Hicks (foto), 58 anos, para comandar a arquidiocese de Nova York. Hicks substitui o influente cardeal Timothy Dolan, um religioso da linha mais à direita da Igreja que tinha o apoio do presidente Donald Trump. Com isso, Leão XIV afasta uma figura conhecida da ala conservadora em favor de um jovem bispo sensível às questões sociais. Natural do estado do Illinois, Hicks é pouco conhecido pelo grande público e demonstrou recentemente sua solidariedade com os imigrantes, em meio a críticas à política migratória de Trump. Em um contexto de forte polarização nos Estados Unidos, a escolha de Leão XIV pode ser interpretada como uma vontade de afastar a Arquidiocese de Nova York de uma imagem partidária e de insistir na mensagem da Igreja Católica sobre a doutrina social e a atenção aos marginalizados.